



Do ‘tomar e comer’ ao ‘ver’: a perda do real sentido eucarístico e seus desdobramentos pastorais

From ‘take and eat’ to ‘see’: the loss of the real eucharistic sense and its pastoral developments

*Tiago Cosmo da Silva Dias**

Recebido em: 27/02/2023. Aceito em: 23/04/2023.

Resumo: *A Igreja Católica Apostólica Romana crê e prega que no pão e no vinho, frutos da terra e do trabalho humano, acontece o milagre da transubstanciação, ou seja, a partir do momento da consagração, na qual quem preside atualiza o sacrifício de Cristo, a essência da matéria – pão e vinho – muda: já não se tem mais pão e vinho, e sim Cristo, presente real e verdadeiramente. Quando o fiel o recebe, esgota-se o princípio de alteridade, uma vez que aquele que comunga passa a ser um só com Cristo. Esta é, em linhas gerais, a essência do dogma eucarístico. Todavia, como resquício de uma sociedade puramente imagética, este, que é o coração da Igreja, tem perdido o seu caráter primordial de refeição [=tomar e comer] para se transformar em mera contemplação [=ver]. Para alguns, parece ser mais importante ver a hóstia consagrada (e o que ela contém!), do que propriamente tomar e comer. Esta tendência cria dificuldades ainda maiores, porque, por exemplo, já não importa a celebração em si, mas sim quem a presidirá e com que finalidade (bênçãos, curas, libertações). Essa prática, além de não favorecer formação religiosa adequada, incentiva o comércio religioso: volta-se à época dos ostensórios, das pompas e do culto à personalidade dos presbíteros. O objetivo, a partir de uma fundamentação teo-*

* Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, 2022). Participa do Grupo de Pesquisa ‘Religião e Política no Brasil Contemporâneo’ (PUC-SP/CNPq). Professor na Faculdade Dehoniana, em Taubaté; e na Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, em Mogi das Cruzes. Doutorando em Teologia pela PUC-SP, com bolsa de fomento pela CAPES/PROSUC. Especialização em Cultura e Meios de Comunicação (PUC-SP, 2021). Especialização em Religião e Cultura (Centro Universitário Assunção, Unifai, 2018). Bacharel em Teologia (Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, Mogi das Cruzes, SP, 2018). Bacharel em Filosofia (Faculdade de Filosofia e Teologia Paulo VI, Mogi das Cruzes, SP, 2014). Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em jornalismo (Universidade Nove de Julho, Uninove, São Paulo, SP, 2009).

E-mail: pe.tiagocosmo@gmail.com.





lógica embasada nas definições eclesiais acerca da Eucaristia e da própria constatação do dia a dia das celebrações, possíveis de serem observadas em grande parte das comunidades, é demonstrar o quanto esta perda de sentido, por mais que consiga reunir as massas, prejudica diretamente a ação pastoral da Igreja, porque induz a uma fé infantil.

Palavras-chave: Eucaristia; refeição; adoração; desvio; desdobramentos pastorais.

Abstract: *The Roman Catholic Apostolic Church believes and preaches that in bread and wine, fruits of the earth and human work, the miracle of transubstantiation takes place, that is, from the moment of consecration, in which the one who presides actualizes the sacrifice of Christ, the essence of matter – bread and wine – changes: there is no more bread and wine, but Christ, really and truly present. When the believer receives it, the principle of otherness is exhausted, since the one who receives communion becomes one with Christ. This is, in general terms, the essence of the Eucharistic dogma. However, as a remnant of a purely imagery society, this, which is the heart of the Church, has lost its primordial character of a meal [=take and eat] to become mere contemplation [=see]. For some, it seems more important to see the consecrated host (and what it contains!), than to actually take and eat it. This trend creates even greater difficulties, because, for example, it no longer matters the celebration itself, but who will preside over it and for what purpose (blessings, cures, deliverances). This practice, in addition to not favoring adequate religious training, encourages religious commerce: it goes back to the time of monstrances, pomp and personality cult of priests. The objective, based on a theological foundation based on ecclesiastical definitions about the Eucharist and the very day-to-day observation of celebrations, possible to be observed in most communities, is to demonstrate how much this loss of meaning, however much it may gather the masses directly harms the pastoral action of the Church, because it induces a childish faith.*

Keywords: Eucharist; snack; worship; detour; pastoral developments.

Introdução

Uma das verdades de fé mais elementares do cristianismo católico repousa sobre a Eucaristia. A palavra, de origem grega, significa *ação de graças*: a cada celebração, o Filho se oferece ao Pai, pela ação do Espírito, para a salvação da humanidade. Por detrás dessa noção basilar, existem ainda muitas outras engajadas, como, por exemplo, os conceitos de memorial, atualização e outros. A Eucaristia é, essencialmente, *tomar e comer*: ou seja, a sua centralidade repousa no fato de que os cristãos, durante a missa, participam deste “mistério de fé” e presenciam o pão “se transformando”¹ no Corpo de Cristo e o vinho em Seu Sangue.

¹ Aqui não se usou ainda o termo teológico adequado unicamente para fins pedagógicos.



A questão é que, nos últimos anos, muitos têm sobreposto a esta dimensão essencial um outro verbo: o *ver*. Parece que, para alguns, Jesus “lhes chega melhor” quando é visto no ostensório e, este, quando é tocado. Ali sim, aparentemente, o “encontro” aconteceu. Não se descarta, naturalmente, que além de ser refeição, a Eucaristia é adoração, já que o cristão só vê no pão e no vinho o Corpo e o Sangue de Cristo com os olhos da fé; é esta que faz com que o ser humano creia que Jesus se faz presente real e verdadeiramente. Como escreveu Miranda², “a refeição eucarística não pode ser considerada independentemente de uma atitude de contemplação”. No entanto, hoje em dia se nota uma deturpação deste verdadeiro sentido. Esse desvio é alimentado, por sua vez, por uma parte do clero a quem interessa conservá-lo, já que a Eucaristia acaba se tornando mero instrumento para que o presbítero se promova. Ou seja: o padre se torna mais “ungido” de que outros, porque acentua mais o aspecto da adoração e quase não menciona o dado da refeição.

O artigo se propõe a levantar e discutir sobre o desvio da dimensão essencial da Eucaristia. Para isso, divide-se em dois momentos: o primeiro, apresenta uma pequena síntese da doutrina da Eucaristia, de acordo com a fé da Igreja; no segundo momento, resgatando historicamente algumas das divergências acerca da Eucaristia, aponta também alguns aspectos, próprios da Idade Média, que hoje retornam, no intuito de demonstrar o quanto a instrumentalização da Eucaristia traz sérias consequências ao cristianismo e à própria Igreja Católica.

1 Aspectos essenciais do dogma eucarístico na Igreja Católica

Acima de tudo, é importante dizer que os cristãos acreditam na Eucaristia como um dos sete sacramentos da Igreja. Por sacramento, a Igreja entende um sinal visível e eficaz da graça de Deus (CIgC, n. 1131). Essas palavras não foram escolhidas por acaso: por detrás de *sinal*, entenda-se um dado sensível e, justamente por isso, *visível*; *eficaz* porque, por ele mesmo, produz os frutos que promete, pois tem força para tal; *da graça de Deus*, porque todos – não só a Eucaristia! – dispõem quem os recebe a crescer no caminho da graça.

² MIRANDA, Luiz Antonio. *A Eucaristia*. Jesus Cristo se faz alimento para uma refeição espiritual na Igreja. São Paulo: Paulus, 2015. p. 22.



Naturalmente que a Igreja não inventou a Eucaristia. Em sua fundamentação bíblica, é possível notar três etapas distintas: ela pode ser vista como *figura* no Antigo Testamento e na própria pregação de Jesus; como *acontecimento*, quando instituída por Jesus; no “tempo da Igreja”, o que se vive hoje, como *sacramento*.

- Como *figura*, é possível vê-la já em Abraão, quando Melquisedec, sacerdote do Deus Altíssimo, lhe traz pão e vinho (Gn 14,17-20); no maná, no deserto (Ex 16,1-7); no sacrifício de Abraão, com Isaac (Gn 22, com Gl 3,14); e no Cordeiro Pascal (Ex 12,7-46; Lv 5,18-25; 8,18). Na pregação de Jesus, Ele mesmo deu sinais do que seria, depois, o pão celestial, seja nas Bodas de Caná (Jo 2,1-11) ou na multiplicação dos pães (Jo 6, 1-15), seguido do discurso do Pão da Vida (Jo 6,22-70), o qual já assinalou que a Eucaristia seria causa de escândalo.
- Como *acontecimento*, é possível vê-la nos evangelhos sinóticos (Mt 26,26ss; Mc 14,22ss; Lc 22,14ss), que narram a última ceia de Jesus com os seus discípulos. Já no testemunho de Paulo (1Cor 11,23-26), o mais antigo deles (ano 56/57 d.C.), também se vê a importância da Eucaristia na vida das comunidades, cuja veracidade também se pode atestar no relato dos discípulos de Emaús, visto que reconhecem Jesus ao partir do Pão (Lc 24,13-33). Os Atos dos Apóstolos também falam da “fração do Pão” no primeiro dia da semana (cf. At 2,42; 20,7), donde emana a relação entre a Eucaristia e o Domingo, dia do Senhor por excelência.
- Como *sacramento*, é o período em que a Igreja vive, “até que Ele venha” (1Cor 11,26).

Os sete sacramentos da Igreja – *Batismo, Confirmação, Eucaristia, Reconciliação, Unção dos Enfermos, Matrimônio e Ordem* – necessitam de matéria e forma para se realizarem. A matéria é justamente o dado sensível que se tornará o sinal da graça; a forma, as palavras, o rito ou a fórmula que faz a graça acontecer. Para o sacrifício eucarístico, a Igreja prega que deve ser oferecido com pão e vinho, e a este se deve misturar um pouco de água³. O pão, para nós latinos, deve ser sem fermento, exprimindo a ausência de todo o fermento do mal na matéria do sacrifício e, ao mesmo tempo, a sua pureza. No Oriente, no entanto, o fermento, que é parte integrante do pão junto ao sal, expressa a presença de Cristo

³ CIGC, n. 924 § 1.



de uma alma humana criada e, fazendo fermentar a massa como um princípio de vida na matéria inerte, marcava a diferença entre os muitos sacrifícios antigos, estéreis e imperfeitos – e por isso incapazes de salvar – e o sacrifício novo, único, porque vivificado pelo Espírito.

A palavra-chave do dogma eucarístico é transubstanciação, através da qual, conforme a definição do Concílio de Trento:

*No sublime sacramento da Eucaristia, depois da consagração do pão e do vinho, nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, está contido verdadeira, real e substancialmente sob a aparência daquelas coisas sensíveis. Pois não há contradição em que o mesmo nosso Salvador esteja sempre sentado à direita do Pai nos céus, segundo o modo natural de existir, e que, não obstante, esteja para nós sacramentalmente presente em sua substância [...]*⁴.

Por essa razão, a Eucaristia é o maior tesouro espiritual da Igreja, porque contém o próprio Cristo (PO, n. 5). Disso deriva que, deixando-a, Cristo nada mais tem a doar à Igreja: na medida em que Ele quis deixá-la como um sinal de Si, Ele já deixou tudo. É por isso que a Igreja professa que:

*[...] pela consagração do pão e do vinho realiza-se uma mudança de toda a substância do pão na substância do corpo de Cristo, nosso Senhor, e de toda a substância do vinho na substância de seu sangue. Esta mudança foi denominada, convenientemente e com propriedade, pela santa Igreja Católica, transubstanciação*⁵.

Historicamente, o termo *transubstanciação* foi causa de discórdia entre católicos e protestantes. Estes últimos falavam de *consustanciação*, afirmando que Cristo apenas se *acrescenta* às espécies do pão e do vinho, que continuam, portanto, sendo o que são. Para os católicos, quando falam em transubstanciação, acreditam que, embora os olhos vejam pão e vinho, as mãos os toquem e a boca sinta os sabores de pão e de vinho, na verdade, tudo é apenas *aparente*: as substâncias se mudam no Corpo e no Sangue de Jesus Cristo. Logo, nada fica do pão e do vinho, senão as espécies, por debaixo das quais está Cristo inteiro, em sua realidade física, mesmo corpórea, ainda que não do mesmo modo como os corpos

⁴ DS, n. 1.636, grifos nossos.

⁵ DS, n. 1.642.



se situam localmente (MF, n. 48). Essa constatação, no entanto, só é possível fazer com o olhar da fé.

Na encíclica *Mysterium Fidei*, o Papa Paulo VI (1963-1978) cita Santo Ambrósio para ensinar que, no momento da transubstanciação, já não se tem o que a natureza formara, mas o que a bênção consagrou. Ora, a força da bênção é maior que a da natureza, porque a bênção é capaz de mudá-la. Finalizando a argumentação, Santo Ambrósio se perguntava: se a palavra de Cristo é capaz de fazer do nada aquilo que não existia, não poderá também mudar as coisas que existem naquilo que não eram? Criar as coisas não é menos que transformá-las (MF, n. 53).

Portanto, em síntese, a sublimidade da doutrina da Eucaristia repousa na verdade que, no mistério eucarístico, é representado de modo admirável o sacrifício da cruz, consumado uma vez para sempre no calvário, atualizado e recordado a cada celebração eucarística, de modo incruento, para continuar salvando os homens e as mulheres de todos os tempos e lugares (MF 27). A Eucaristia, portanto, é o que se chama de *memorial* da paixão, morte e ressurreição do Senhor e, exatamente por isso, trabalha com as três dimensões do tempo: o passado, o presente e o futuro. Isso fica bastante explícito na aclamação que os católicos fazem após o momento da consagração, durante a missa. Quando o padre diz “eis o mistério da fé”, a assembleia responde: *Anunciamos, Senhor, a vossa morte – fato passado – e proclamamos a vossa ressurreição – no presente. Vinde, Senhor Jesus! – o pedido que tem relação com o futuro, ou seja, com a segunda vinda de Jesus.*

[...] Na Eucaristia, manifesta-se a profusão generosa que era a característica da refeição sagrada entre os judeus e que testemunhava a liberalidade de Deus para com eles, ao convidá-los à mesa dele. Exteriormente, a refeição eucarística é modesta e discreta; suas aparências não são extravagantes. Ela apresenta, assim, um contraste com aquilo que poderia agradar os instintos de prazer do homem. Mas, por outro lado, o alimento que ela distribui contém uma abundância invisível que supre todas as necessidades humanas. Não se poderia desejar alimento mais substancial que este: o corpo e o sangue de Cristo resumem o dom capital que Deus fez de si mesmo à humanidade pela encarnação redentora. É esse dom que perpetua e renova a Eucaristia, um dom completo que satisfaz todas as aspirações religiosas do homem. Esse dom, de valor infinito, se multiplica em uma generosidade sem limites⁶.

⁶ MIRANDA, 2015, p. 26.



Em síntese, a Igreja crê que na Eucaristia, pão e vinho consagrados, Jesus se faz totalmente presente para ser alimento; logo, refeição, embora esta também não anule o dado da contemplação que é, no entanto, posterior e consequência da primeira.

1.1 Duas implicações essenciais da doutrina da Eucaristia

Naturalmente que a Eucaristia não é um sinal por si; ou seja, não é algo que apenas se recebe, tal como se ganha um presente. Se, por ser sacramento, é eficaz, ela produz algo em quem a recebe. Nesse sentido, um primeiro efeito (*res sacramenti*) deste sacramento é o fato de ela, junto ao Batismo, fazer a Igreja: o Batismo, porque gera filhos para Deus e incorpora quem o recebe a Cristo e à Igreja; a Eucaristia, porque toda a vida da Igreja gira em torno dela, visto que está na origem e também no ápice de toda a vida eclesial⁷, já que todos caminham, de Eucaristia em Eucaristia, rumo ao Banquete definitivo do Cordeiro. Além do mais, é a Eucaristia que dá visibilidade à reunião dos batizados. Já na *Didaché*⁸ (catequese dos primeiros cristãos) esta verdade era muito clara: “Como este pão, agora partido, estava antes disperso pelos montes, mas, ao ser reunido, se tornou um só, do mesmo modo se reúna a tua Igreja, dos confins da terra, no teu reino”⁹.

Um segundo efeito, não menos importante, é o fato de a Eucaristia implicar uns com os outros, dentre aqueles que a recebem. Por isso que, com o Apóstolo Paulo, afirma-se que tanto a Eucaristia quanto a Igreja são o Corpo de Cristo – embora em graus diferentes, já que a Eucaristia é a presença real por excelência: “[...] nós, embora muitos, somos um só corpo, visto que todos participamos desse único pão” (1Cor 10,17). Isso quer dizer que, na medida em que se reúnem em torno do mesmo altar, os cristãos também se tornam um.

O aspecto da solidariedade humana próprio da refeição encontra também seu alimento interior na comunhão dos participantes com Cristo, o qual estabelece entre eles o mais sólido vínculo comunitário. A solidariedade não consiste simplesmente em comer e em beber junto, à mesma mesa;

⁷ LG, n. 11.

⁸ Didaché, IX, n. 4.

⁹ Deste refrão, o Frei Luiz Turra compôs uma das canções que se canta no momento da apresentação das oferendas: *Os grãos que formam a espiga, se unem pra serem pão. Os homens que são Igreja se unem pela oblação.*



*ela consiste em se nutrir do mesmo alimento que é o Cristo e, assim, em se reunir nele, em um nível mais profundo que todas as uniões meramente humanas*¹⁰.

Disso se infere que o mesmo zelo que se tem para com a Eucaristia deve-se ter para com os irmãos. Aliás, é importante mencionar o fato de que o evangelho de João é o único que não narra a instituição da Eucaristia; faz apenas menção à ceia e relata o lava-pés (Jo 13,1ss). Isso para indicar que, na vida do cristão, o serviço deve ser perene. “Se, portanto, eu, o Mestre e o Senhor, vos lavei os pés, também deveis lavar-vos os pés uns dos outros. Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais” (Jo 13,14-15).

O dilatar-se do amor cristão, portanto, parte exatamente da Eucaristia, já que o cristão é convidado a sobrepor o bem comum ao bem pessoal. Talvez seja por isso que Jesus, quando tentado, dissera ao Diabo que “nem só de pão vive o homem” (Mt 4,4), porque o pão de cada dia deve levar ao pão eucarístico, e vice-versa.

Portanto, a Eucaristia possui, *a priori*, dois efeitos primordiais:

- o primeiro, *vertical*, ou seja, de comunhão com o Cristo glorioso. Quando um cristão comunga, acaba-se o princípio de alteridade: Jesus não é mais outro fora dele, mas um com ele;

*A incorporação em Cristo, realizada pelo Batismo, renova-se e consolida-se continuamente através da participação no sacrifício eucarístico, sobretudo na sua forma plena que é a comunhão sacramental. Podemos dizer não só que cada um de nós recebe Cristo, mas também que Cristo recebe cada um de nós. Ele intensifica a sua amizade conosco: “Chamei-vos amigos” (Jo 15,14). Mais ainda, nós vivemos por ele: “O que me come viverá por mim” (Jo 6,57). Na comunhão eucarística, realiza-se de modo sublime a inabitação mútua de Cristo e do discípulo: “Permaneeci em mim e eu permanecerei em vós” (Jo 15,4)*¹¹.

Aqui há, por sua vez, um laço estreito entre a dimensão da refeição com o aspecto da interioridade, já que:

O grande meio que ele [=Jesus] busca para guardar-lhes essa intimidade é a Eucaristia. Ele deu a entender essa verdade desde o

¹⁰ MIRANDA, 2015, p. 26.

¹¹ EdE, n. 22.



primeiro anúncio da refeição eucarística: “Aquele que come minha carne e bebe meu sangue permanece em mim, e eu permaneço nele” (Jo 6,56). Assim, a refeição está destinada a prolongar indefinidamente a proximidade dos discípulos com o Mestre; ela lhes permite continuar a ver o Cristo segundo um olhar interior, chegar ao conhecimento profundo. Comendo a carne do Senhor, eles recebem em si sua presença e são, por conseguinte, convidados a se abandonar a essa presença pelo espírito e pelo coração¹².

- o segundo, *horizontal*, ou seja, de comunhão entre os comensais. É daqui que deriva a verdade de que a Eucaristia possui um efeito eclesial e comunitário. Quando comunga desse único pão, Corpo do Senhor, o cristão se torna o seu corpo eclesial. Ou seja: a comunidade fraterna é uma consequência da celebração da Eucaristia (1Cor 10,17) e é, ao mesmo tempo, sua condição indispensável.

O dom de Cristo e do seu Espírito, que recebemos na comunhão eucarística, realiza plena e abundantemente os anseios de unidade fraterna que vivem no coração humano e ao mesmo tempo eleva esta experiência de fraternidade, que é a participação comum na mesma mesa eucarística, a níveis que estão muito acima da mera experiência dum banquete humano. Pela comunhão do corpo de Cristo, a Igreja consegue cada vez mais profundamente ser, ‘em Cristo, como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano’¹³.

Os cristãos católicos conservam a Eucaristia para adoração, ao que se referem como *reservas eucarísticas*. A justificativa, extrapolando o culto latrêutico, que já tem importância por si, também é pensando nos enfermos que, ocasionalmente, recebem a Eucaristia fora da celebração, uma prática que já se constata na Igreja primitiva¹⁴. É neste ponto que, basicamente, passa-se à segunda parte da discussão, lembrando que, de tudo dito até agora, uma constatação, no mínimo, ficou clara: a Eucaristia é essencialmente refeição; ou seja, o importante em tudo é *tomar e comer*.

¹² MIRANDA, 2015, p. 24

¹³ EdE, n. 24.

¹⁴ JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias. Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 83.



2 A devoção ao Santíssimo: origem e contemporaneidade

É importante salientar que, de forma alguma, desmerece-se aqui a devoção ao Santíssimo Sacramento, tida, inclusive, pelo próprio magistério eclesial, como necessária à vida da Igreja¹⁵. Ao mesmo tempo, João Paulo II, por exemplo, destacou que “a presença de Cristo nas hóstias consagradas que se conservam após a missa – presença essa que perdura enquanto subsistirem as espécies do pão e do vinho – *resulta da celebração da Eucaristia e destina-se à comunhão, sacramental e espiritual*” (EdE, n. 25, grifos nossos). Algumas palavras, aqui, merecem destaque: a devoção provém da celebração, ou seja, do tomar e comer e, ao mesmo tempo, deve conduzir ao tomar e comer, que é a essência. Hoje percebe-se o movimento reverso: é mais importante adorar; ver. Além disso, o papa polonês também deixa claro que a presença dura enquanto as espécies perdurarem, ou seja, enquanto servirem, de fato, como alimento – porque a Eucaristia é refeição.

No entanto, para entender o motivo da mudança que se percebe hoje, é preciso resgatar alguns dados históricos. Volta-se, especialmente, aos séculos XI-XIII, quando a Igreja, em resposta a Ratramno (800-868) e Berengário (845-924) que negavam a presença real¹⁶, foi centrando sua compreensão eucarística na afirmação e no culto desta presença. Entretanto, começou a fazê-lo rompendo o equilíbrio e a síntese com o outro aspecto prioritário da Eucaristia, que até então havia conservado a primazia: sua celebração. Mais importância se deu ao adorar que ao comungar, ao sacrário que ao altar, à devoção pessoal do que à celebração comunitária. A unidade, que no primeiro milênio havia existido entre as duas dimensões da Eucaristia, foi se rompendo¹⁷.

Quando, no século XII, os fiéis se acotovelavam para ver a hóstia durante a missa, o bispo de Paris, Eudes de Sully (†1208), introduziu o gesto de elevar a hóstia após a consagração. Este uso se estendeu rapidamente em todo o Ocidente, enquanto o do cálice será mais tarde, por volta dos séculos XIV e XV, já que não se podia ver o vinho. Chegou-se ao dado de que a elevação passou a ser o ponto mais alto da celebração; ou seja, passou-se a “comungar com os olhos”. A consequência desse

¹⁵ MF, n. 68; EdE, n. 25.

¹⁶ Anos depois, Calvino (1509-1564) terá a mesma postura.

¹⁷ ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002. *op. cit.*, p. 368.



gesto foi drástica: interrompeu-se o louvor ao Pai para, tão somente – sem diminuir o valor do culto – adorar a Cristo. Como o ápice era ver a hóstia consagrada, outros elementos foram acrescentados, como a vela, o sino e as orações ao Senhor, que ali estava presente¹⁸.

Foi a partir deste momento que se começou a desenvolver a exposição do Santíssimo que, como se nota, apareceu para aumentar a “contemplação com os olhos” – ou seja, sobrepor-se o *ver* ao *tomar e comer*. Em alguns lugares, há registros que se chegou a celebrar a Eucaristia com a hóstia exposta, para que pudessem ver Deus presente, até se chegar ao fato de se celebrar a Eucaristia apenas para ter hóstias consagradas para a exposição e adoração. Como o *ver* se sobressaiu, em 1215, o Concílio de Latrão precisou impor a comunhão pascal, que perdura até hoje como um dos mandamentos da Igreja: *Comungar, ao menos, uma vez ao ano*. A título de curiosidade, conta-se que São Luiz de França comungava quatro ou cinco vezes por ano, mas se confessava mais de uma vez ao dia. Em 1253, na Alemanha, surgiu a festa do Corpo e do Sangue de Cristo que, em 1264, o Papa Urbano VI (1378-1389), com a bula *Transiturus*, estendeu a toda a Igreja. A procissão triunfal entrou no rito apenas no século seguinte.

Paralelamente, outras mudanças também começaram a acontecer. No século XIII, iniciou-se a era do tabernáculo que, no barroco, ocupou o centro. Aos poucos, desapareceu a comunhão do sangue de Cristo, e a distribuição do pão passou a ser diretamente na boca. Nas igrejas, levantaram-se paredes ou grades que separavam o presbitério da nave – dada a “indignidade” do povo de se aproximar do Senhor.

Passou-se, já nesta fase, a uma espécie de monofisismo sensível: na hóstia, vê-se a carne de Jesus histórico, o que desenvolve uma piedade de sentimentos. Compreende-se que Jesus está só, sofre e é ferido quando se fere uma hóstia. É neste contexto que as hóstias começaram a sangrar, nos chamados milagres eucarísticos (1200-1550). O povo, na sua simplicidade, começa a procurar os santuários em grandes peregrinações para contemplar estas “reliquias”. Um dado interessante: o culto do Corpo de Cristo cresce junto ao auge do desenvolvimento das reliquias e, para concorrer com estas últimas, para Jesus se faz um relicário mais belo e maior – já que, se é o Corpo de Cristo, é uma “super reliquia”.

¹⁸ ALDAZÁBAL, 2002, p. 181.



Um dado sintomático da mudança da compreensão da Eucaristia é que a fórmula “qui tibi offerunt” (que te oferecem) se converte no século XI em “pro quibus tibi offerimus vel qui tibi offerunt” (pelos quais te oferecemos ou eles mesmos te oferecem): muito mais do que ser celebração na comunidade, o é do “celebrante”, que é como se chama o sacerdote: sublinha-se, além disso, o aspecto devocional que para o próprio sacerdote tem a Eucaristia, com suas orações privadas¹⁹.

Esses dados históricos, aqui levantados, não tem o intuito ideológico, ou seja, de utilizá-los como argumentação para o presente, já que isso seria cair em um anacronismo sem igual. O que se constata, porém, é que:

É difícil julgar gerações passadas. Cada uma responde diante de Deus pela autenticidade de sua fé. Mas nós devemos estar conscientes de que herdamos em grande parte a celebração e a teologia eucarística destes séculos e, por isso, sobretudo desde o Vaticano II, estamos vivendo um processo de reforma para o qual muito nos ajuda saber como atuaram nossos antepassados²⁰.

Em síntese, até aquele momento a hóstia era adorada quando conservada; a partir dali, passou a ser conservada para ser adorada.

2.1 Desdobramentos pastorais da devoção ao Santíssimo

A hipótese da qual aqui se parte pode parecer um tanto ousada, mas é fruto da constatação de que todo resgate tem, por detrás, desdobramentos pontuais: ou seja, voltar a essas práticas medievalistas, na atualidade, tem objetivos “pastorais” práticos.

Não se há dúvidas, para qualquer teólogo minimamente sério, que o Concílio Vaticano II (1962-1965) foi o grande marco eclesial do século XX. Aqui não se pretende discutir a recepção do Concílio, mas tão somente lembrar que, para alguns, apesar de toda a sua força, este deve ser totalmente desconsiderado. Em geral, há muitos que acreditam que a “crise” que a Igreja atravessa foi causada por uma expressiva quantidade de teólogos radicais do Vaticano II, dispostos a extrapolá-lo e preparar uma ruptura com a tradição da Igreja. Todavia, como constatou Faggioli, pode-se notar que:

¹⁹ ALDAZÁBAL, 2002, p. 182.

²⁰ ALDAZÁBAL, 2002, p. 182.



[...] o verdadeiro desafio à legitimidade do concílio não veio das fileiras dos teólogos que o tornaram possível, mas de uma pequena periferia da “minoría conciliar” mais ampla. Essa periferia não contestava os efeitos da recepção do concílio, mas a própria existência do Vaticano II como um concílio legítimo na tradição da Igreja²¹.

Fato é que, como se sabe, a primeira atenção da Igreja, à época do Vaticano II, foi voltada justamente à questão litúrgica e sua ampla reforma. As ideias basilares eram a participação ativa dos fiéis, maior riqueza de leituras bíblicas, importância da homilia, restauração da oração dos fiéis e da concelebração, critérios para a admissão das línguas vivas e comunhão sob duas espécies.

Todavia, não é necessário ir muito longe para constatar, hoje, um retorno aos elementos próprios da época pré-conciliar, mais propriamente do Concílio de Trento (1545-1563). Isso deriva, segundo Zagheni²² (1995, p. 200), do tridentinismo, expressão usada para se referir a uma linha de interpretação dos cânones conciliares que, na verdade, traía sua essência. Em geral, a expressão serve para designar o sistema ligado ao prestígio do concílio tridentino que fez tudo depender da Igreja: teologia, governo, disciplina.

De fato, referindo-se a postura de fechamento da Igreja em relação aos novos tempos à época de Trento, Souza escreve:

A atitude defensiva do concílio pode ser constatada em duas frentes: a primeira, a uniformização da liturgia, na língua e nos ritos. A segunda, a uniformização da formação do clero, centrada de maneira predominante no pensamento medieval e realizada numa língua morta. A dinâmica realizada de maneira homogênea procurava garantir, ilusoriamente, a unidade universal. [...] A uniformização do clero [...] aprofundou o fosso entre a instituição e o mundo científico, o laicato. Por outro lado, ignorou o quadro cultural das populações encontradas e as reorganizou a partir do mundo europeu, ocidental cristão, assim como fez com o clero nativo. A consequência desse duplo aspecto foi uma perda de uma possível linguagem entre clero e laicato. Desse fator, consolidou-se a ideia de que a Igreja é o clero²³.

²¹ FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II. A luta pelo sentido*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 46.

²² ZAGHENI, Guido. *A Idade Moderna 3. Curso de História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1999.

²³ SOUZA, Ney. *História da Igreja. Notas Introdutórias*. Petrópolis: Vozes, 2020. p. 245.



Mais uma vez, usa-se a história para defender a seguinte tese: os que negam o Vaticano II apegam-se a Trento e a seu modelo; mas, de outro lado, também há os que tentam viver o Vaticano II. E aqui volta-se à hipótese mencionada no início desta sessão da análise, que é a seguinte: é por detrás do chamado trindetinismo que repousa, em grande parte, a volta da chamada devoção ao Santíssimo que, por sua vez, a nosso ver, além de sacrificar o essencial da Eucaristia, favorece quatro realidades:

1. *O comércio religioso.* Na atualidade, tanto quanto na Idade Média – antes de Trento! – voltam-se os ostensórios, por exemplo, de todos os modelos possíveis e imagináveis, sob a argumentação de que “para Jesus é preciso que seja sempre o melhor”. O mesmo argumento vale para os presbíteros, que utilizam capas e véus que os fazem parecer cavalheiros medievais. Vende-se a mesma ideia para o povo que, na sua simplicidade, acaba colaborando com campanhas e carnês para que, cada vez mais, tenha-se um ostensório mais ornado. O esplendor é tanto que as pessoas receiam se aproximar. Agora, as antigas “grades” que separavam o presbitério da nave da igreja não são reais, mas psicológicas, impostos por todo o esplendor que “o Senhor merece”.
2. *O culto à personalidade.* Não se participa mais da Eucaristia tendo-a como o referencial para a vida cristã que atualiza o sacrifício de Cristo. Jesus quase que se torna um mero apêndice. Ao contrário: participa-se da “missa do padre X”, e não do Y, porque o X é mais “ungido” – e o X, normalmente, carrega consigo o seu próprio ostensório, que passa a ser a fonte dos milagres e das curas.
3. *O comprometimento do sentido de pertença.* Como derivação da anterior, os fiéis não se sentem mais participantes da comunidade X ou Y, mas passam a participar – ainda mais com a facilidade de locomoção de hoje! – onde se derramam mais curas e milagres. A expressão “paroquiano” quase entra em desuso. Vai-se para onde se quer ou aonde está o padre X. Aliás, alguns até anunciam suas agendas nas redes sociais. Lá, a “banda” é animada e faz cantar, pular, vibrar e chorar, mas sempre tendo como parâmetro o “meu” problema; o “nosso” já não existe.



Em termos antropológicos, trata-se de uma redefinição biográfica dentro da qual a pessoa empreende uma mudança, optando por valores morais diferentes de sua trajetória anterior. Pode-se citar a fidelidade matrimonial e a frequência assídua aos sacramentos, honestidade. Realiza-se, portanto, uma escolha pessoal dentro do quadro da tradição, que, inserida num processo cultural moderno e afastando-se do âmbito da herança/obrigação, expressa-se moderadamente (uso dos meios de comunicação, do marketing, a ênfase na escolha pessoal das verdades religiosas, o intenso apelo do afeto)²⁴.

4. *A infantilização da fé.* Esse tipo de prática induz os fiéis à pouca ou nenhuma compreensão sobre o real e verdadeiro sentido do mistério eucarístico, e promove uma fé baseada tão somente na emoção e, naturalmente, no tempo presente. Perde-se, no fundo, não só a perspectiva do memorial que se atualiza, mas também a escatológica, ou seja, a salvação passa a ser compreendida como um “prêmio individual”, completamente descaracterizada e descompromissada com as situações concretas deste mundo, o qual, inclusive, é preciso simplesmente ignorar para “chegar ao céu”. A salvação é encarada como resultado dos esforços humanos, não como um dom do alto. Logo, nessa perspectiva, retoma-se a perspectiva jansenista que, baseada na doutrina da predestinação, ensinava que a Eucaristia era um prêmio aos santos. Na *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco retomou a expressão do Papa Pio X que, a seu tempo, promoveu uma reforma eucarística e colocou fim a essa tendência: “A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos”²⁵.

3 Como resolver a problemática?

A resposta a essa pergunta permanece vaga. É óbvio que, acima de tudo, é preciso encontrar o equilíbrio entre a adoração e a refeição. Isso, porém, depende, em certo sentido, da firmeza do presbítero, em se

²⁴ SILVEIRA, Emerson Sena da. Configurações corporais e afetivas em rituais carismático-católicos: cura, salvação e memória. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano VII, n. 19, v. 7, maio/2014, p. 203. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/23783/13098>. Acesso em: 27 fev. 2023.

²⁵ EG, n. 47.



dispor a formar o seu povo naquilo que realmente é essencial – algo que, inclusive, já na *Evangelii Gaudium* o Papa Francisco salientou quando, resgatando Tomás, mencionou que há, na Igreja, uma hierarquia de virtudes²⁶. O triste é que, para muitos, este tipo de prática interessa porque, muitas vezes, parte da simplicidade do povo e de forma até inocente: quase que como “vítimas” de todo esse aparato, o fiel acredita realmente que é o padre X, com o ostensório Y, que realiza a cura. E o pior: além de incentivar o culto à personalidade, essas atividades costumam dar bom resultado financeiro, o que significa uma “mútua ajuda”, não só ao fiel.

Entretanto, a questão que precisa ser feita é: onde está o limite? Em muitos lugares, os mesmos presbíteros que permitem essas práticas também se utilizam de paramentos pré-conciliares e, quiçá, celebram a Eucaristia no rito tridentino – o qual, inclusive, também ganhou bastante “adeptos” justamente em virtude da dimensão do ver, do olhar. É um binômio curioso a se notar: tradicionalista até que ponto? Parece emergir, aí, uma “nova” categoria, a que denominamos, não sem ironia e com o devido perdão pelo neologismo, de *tradismáticos*, porque, de um lado, defendem a necessidade de uma Igreja carismática, sem fazer referência a qualquer movimento, e de outro, afirmam ser “tradicionalistas”.

Na linha de Aldazábal²⁷, porém, o que se deve compreender é que o culto de adoração à Eucaristia precisa ser compreendido no conjunto de todo o mistério eucarístico, ou seja, no contexto das palavras do Senhor: “tomai e bebei todos dele, isto é o meu corpo entregue por vós”. De igual modo, é bom recordar que a Eucaristia é ordenada, em primeiro lugar, à sua celebração, e não à adoração ou contemplação. Os sinais escolhidos por Cristo são os de *comida* – aliás, o Concílio de Trento já deixara claro que a Eucaristia foi instituída para que seja comida²⁸. Portanto, o legítimo culto da Eucaristia está intimamente relacionado com a celebração, da qual é fruto, prolongamento e preparação; ou ainda, em outras palavras, o culto prolonga o clima eucarístico da celebração. Se essa compreensão, também presente no Vaticano II, voltar a se tornar o centro, o *tomar e comer* deixarão de ser apenas “parte” da celebração, e se tornarão o verdadeiro motivo pelo qual os cristãos católicos se congregam.

²⁶ EG, n. 34-39.

²⁷ ALDAZÁBAL, 2002, p. 367-373.

²⁸ DS, n. 1643.



Considerações finais

Isso posto, é importante dizer que há numerosos testemunhos de que essas práticas trouxeram benefícios consideráveis ao povo fiel. Não se descarta essa verdade, até porque ninguém é capaz de mensurar a fé de ninguém. Todavia, o que deve motivar o debate e a discussão é até que ponto consta, no Evangelho de Jesus de Nazaré, que este era o seu projeto: uma Igreja triunfalista, com presbíteros todo-poderosos cultuados pela massa religiosa. Um homem que se definiu como aquele que não tinha onde reclinar a cabeça (Mt 8,20), será que deseja ver o sinal que Ele deixou em peças que chegam a custar R\$ 20 mil enquanto, talvez, do lado de fora da mesma igreja há um pobre querendo um pedaço de pão? São questões a se pensar. Naturalmente que não se anula, em hipótese alguma, a importância do zelo litúrgico, mesmo porque o rito também tem a missão de comunicar a fé. Entretanto, é importante destacar que esse mesmo zelo exige, *ad extra*, aquele compromisso que nunca fica velho – e que, na verdade, é um princípio para a fé cristã: o sócio-transformador. Se a participação em torno de um mesmo altar e de um mesmo pão não alimenta também esta dimensão, com toda certeza algo não vai bem: é uma fé deficiente, porque “a fé em Jesus sem o respeito e a compaixão pelo homem é mentira. Identificar-se com Jesus é identificar-se com todos os homens”²⁹. Fazemos nossas as palavras do Papa Francisco:

A contínua redescoberta da beleza da Liturgia não é a busca por um esteticismo ritual, que se satisfaz somente no cuidado com a formalidade exterior de um rito ou que se apega a uma observância escrupulosa de rubricas. Obviamente, esta afirmação não pretende aprovar, de forma alguma, a atitude oposta, que confunde simplicidade com banalidade desleixada, ou essencialidade com superficialismo ignorante, ou ainda, a concretude da ação ritual com um exasperado funcionalismo prático. Sejamos claros: deve-se cuidar de todos os aspectos da Celebração (espaço, tempo, gestos, palavras, objetos, vestimentas, cantos, música, ...) e cada rubrica deve ser bem observada: essa atenção seria suficiente para não furtar a assembleia do que lhe é devido, isto é, o Mistério pascal celebrado na modalidade ritual que a Igreja estabelece³⁰.

O que se observa, entretanto, é que há, sim, uma deturpação do real sentido eucarístico. Devoção é sempre devoção, seja onde for e

²⁹ NOLAN, A. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 202.

³⁰ DD, n. 22-23.



como for; ou seja, sempre, pela própria força da palavra, deve ficar em segundo plano. A fé em Jesus não consiste apenas em ouvir uma palavra para confortar o coração, mas sobretudo em traduzir, no dia a dia da vida, a mesma compaixão que o Nazareno demonstrou para com as pessoas do seu tempo.

Para isso, ou se resgata o verdadeiro sentido do dogma eucarístico, em toda a sua riqueza e busca-se o equilíbrio com o culto, ou, daqui não muito tempo, as consequências deste tipo de prática serão severas, já que, uma fé intimista, descompromissada com a vida, pode até alimentar uma certa indiferença em relação aos outros. Ainda hoje a Igreja “paga o preço” de ter se fechado à modernidade nos séculos XIX e XX. Se a história mostra que nem sempre as coisas foram como estão, isso significa que o amanhã pode ser construído em perspectiva diferente. E, neste caso, não se há dúvidas: é para já.

Referências bibliográficas

ALDAZÁBAL, José. *A Eucaristia*. Petrópolis: Vozes, 2002.

CÓDIGO de Direito Canônico. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. In: *Vaticano II*. Mensagens. Discursos. Documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-247.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum Ordinis*. In: *Vaticano II*. Mensagens. Discursos. Documentos. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 440-469.

DEZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, Loyola, 2015.

FAGGIOLI, Massimo. *Vaticano II*. A luta pelo sentido. São Paulo: Paulinas, 2013.

JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologias. Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995.

MIRANDA, Luiz Antonio. *A Eucaristia*. Jesus se faz alimento para uma refeição espiritual na Igreja. São Paulo: Paulus, 2015.

NOLAN, A. *Jesus antes do cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1987.



PAPA FRANCISCO. *Carta Apostólica Desiderio Desideravi*. Brasília: Edições CNBB, 2022.

PAPA FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Brasília: Edições CNBB, 2015.

PAPA JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Ecclesia de Eucharistia*. 15. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PAPA PAULO VI. *Carta Encíclica Mysterium Fidei*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_03091965_mysterium.html. Acesso em: 27 fev. 2023.

SILVEIRA, Emerson Sena da. Configurações corporais e afetivas em rituais carismático-católicos: cura, salvação e memória. In: *Revista Brasileira de História das Religiões*, ano VII, n. 19, v. 7, maio/2014, p. 199-221. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/23783/13098>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SOUZA, Ney. *História da Igreja*. Notas Introdutórias. Petrópolis: Vozes, 2020.

ZAGHENI, Guido. *A Idade Moderna 3*. Curso de História da Igreja. São Paulo: Paulus, 1999.